

A POESIA MOÇAMBICANA: GÊNESE, CRISE E CRÍTICA

*Manoel de Souza e Silva**

RESUMO

O presente trabalho é tentativa de detectar as qualidades centrais da poesia moçambicana, tomando, como ponto de partida, as abordagens críticas sobre a mesma. Torna-se perceptível que o estudo das literaturas dos países em processo de descolonização tem sido vincado por uma certa virulência, resultante de paixões político-ideológicas. Não está em causa, aqui, a validade ou não-validade de tais “paixões”: o que se busca é a apreensão dos *critérios* que, segundo os críticos, definem a face da poesia escrita em Moçambique. Para tanto, são enfocadas algumas contribuições críticas, seguidas do exame de ligeira amostragem da produção poética moçambicana.

A partir dos anos 30 – e abrangendo as décadas de 40 a 70 – ocorre um surto literário cujo traço essencial parece ser o de consolidar uma cultura diferenciada das manifestações coloniais. É neste período que se vão criar as fundações de uma literatura que pode, no espaço da então colônia de Moçambique, ser denominada, rigorosamente, de moçambicana e, ao mesmo tempo, moderna. Amílcar Cabral percebeu, com efeito, que

O estudo da história das lutas de libertação demonstra que são em geral precedidas por uma intensificação das manifestações culturais, que se concretizam progressivamente por uma tentativa, vitoriosa ou não, da afirmação da personalidade cultural do povo dominado como acto de negação da cultura do opressor. (Cabral, 1978, p. 224)

A tentativa de estabelecimento dos traços formadores de uma literatura nacional tem esbarrado, em Moçambique e fora dele, em polêmica virulenta. Quero examinar, sucintamente, as contribuições de alguns dos intervenientes no debate, estabelecendo as qualidades – problemáticas, contraditórias – de seu lastro teórico-crítico.

* Universidade Federal de Goiás.

Em *Alguns apontamentos sobre literatura nascida em Moçambique* (Sabino, 1964, p. 69), Joaquim Sabino – um típico intelectual-colono – detecta um “sabor moçambicano” nesta literatura sem que haja, entretanto, qualquer aprofundamento: “Fica-se no condimento anedótico, no uso de um ou outro termo das falas gentílicas e pouco mais”. Para Sabino, existe uma moçambicanização cujo sentido é pejorativo, equivalendo a “cafrealização”.

Na mesma publicação, espécie de grito agônico do colonialismo, que abriga Sabino, Nuno Bermudes abre mão de quaisquer sutilezas:

Somos todos portugueses-metropolitanos, brancos e negros e moçambicanos – ainda que o sejamos de um modo diferente, em certos aspectos a que se não alheiam o modo de vida, a vastidão de horizontes, a própria situação geográfica. (Bermudes, 1964, p. 18)

Notável contribuição tem dado, a partir dos anos 60, Alfredo Margarido, cuja leitura é sempre convite à luta encarniçada.

Já em 1962, em polêmica com Rodrigues Júnior (“Literatura Ultramarina de Rodrigues Júnior”), Margarido passa forte descompostura por este considerar, como poeta moçambicano, apenas a Rui de Noronha. Margarido enumera-lhe as omissões: José Craveirinha, Duarte Galvão (Virgílio de Lemos), Noémia de Sousa, Rui Nogar, Rui Knopfli, Reinaldo Ferreira, Carlos Maria, Gouveia Lemos, Fernando Couto, Artur Costa e Kalungano (Marcelino dos Santos):

No prefácio de *Poetas de Moçambique* (1962), ao discutir as configurações da poesia de Fernando Ganhão e Rui Knopfli, constata que as diferenças e semelhanças existentes entre eles decorrem da maneira com que cada um adere à realidade. Para Margarido, Ganhão é mais moçambicano porque recusa sistematicamente os valores que não sejam africanos. Assim como Knopfli, sofrem restrições Fernando Couto, Artur Costa e Orlando Mendes, entre outros. A postura agressivamente militante pode por vezes ferir de morte a tão desejada dialética. Margarido corre o risco – “Não há duas maneiras de encarar a poesia moçambicana”. Eis o início fortíssimo do seu Prefácio.

O terceiro momento privilegiado do polemista é aquele em que ele parte da constatação de que “as literaturas são, para recorrer a um termo da antropologia, endogâmicas”, Margarido chegará à conclusão de que

não são moçambicanos os autores não-africanos nascidos em Moçambique, e ainda o são menos aqueles que chegaram adultos a Moçambique para escrever poesia portuguesa. Os autores não africanos não podem entender a realidade total do país moçambicano sendo, como são, socializados nos grupos restritos formados pelos europeus. (Margarido, 1986)

Não deixa de ser curiosa a percepção de que, aqui, o pensamento de Margarido aproxima-se bastante do de Sabino, uma vez que “o imaginário do colonizador não pode coincidir com o do colonizado” (Margarido, 1986) Margarido propõe-se a

erigir o que ele próprio chama de “sociologia dos autores”:

Reinaldo Ferreira, português nascido em Barcelona, chegou a Moçambique empurrado pelas dificuldades enfrentadas na Metrópole, e redigiu em Moçambique a poesia que o seu grande génio pessoal lhe exigia ou permitia. Quando teria tido ele tempo de se transformar em moçambicano? Grabato Dias começa por não existir, pois é sabido tratar-se do pseudónimo de um escritor português, decidido a integrar-se no tecido social e nos projetos moçambicanos. Chegando adulto a Moçambique só podia aderir “de fora” aos valores do país. O seu regresso a Portugal parece ter posto fim ao equívoco que alimentava o mito. O caso de Rui Knopfli é mais complexo, por se tratar de um autor nascido em Moçambique, que sempre se interrogou com argúcia e engenho a respeito da sua instável condição de moçambicano. Sabendo, como sabia, que não só o dizia europeu, mas beneficiava das vantagens associadas ao estatuto do europeu. Porque não bastava ser “dito”, era impossível renunciar às vantagens importantes deste estatuto. Hoje após tanta interrogação, Rui Knopfli vive em Londres, ao serviço do governo português. (Margarido, 1986)

Deixando de lado a já histórica ojeriza de Margarido a Reinaldo Ferreira e Rui Knopfli, o caráter de exclusão de sua “sociologia” mostra-se extremamente empedredor da literatura moçambicana. De uma penada, são remetidos ao limbo Orlando Mendes, Sérgio Vieira, Sebastião Alba, Eduardo Pita, Leite de Vasconcelos, Mia Couto, Luiz Carlos Patrarquim e, mesmo, Fernando Ganhão.

Rui Knopfli está entre os primeiros a perceber na poesia moçambicana a marca essencial da variedade.

Ela vem lá do extremo, no rio caudaloso dos versos de Craveirinha, no batuque certinho (de câmara) de Nogar, passa pela estranheza do asfalto, pelo desencanto de Reinaldo, pelo lirismo tradicionalista de Jorge Vila e cristaliza na frustração obnubilada de um poema como “Um Crime Perfeito” de Nuno Bermudes. (Knopfli, apud Margarido, 1980, p. 505)

Restrição óbvia à formulação de Knopfli incide sobre a inclusão de Nuno Bermudes, uma vez que este se coloca, clara e inequivocamente, como português, o que deve ter ficado evidente no exame de sua “contribuição”.

As posições de Eugénio Lisboa são, como as de Margarido, agudas e por vezes configuram-se como desaforo. Como Knopfli, ele tende a enxergar múltiplas direções para a poesia moçambicana. Supõe uma universalidade que tende a apagar quaisquer caracteres particulares. Lisboa parece esquecer o dado objetivo da colonização. Por outro lado, guiado por uma concepção esteticista, Lisboa não se exime de juízos temerários.

...escolha-se para cada um, como padrão máximo a atingir; um poeta-cume que nesse género se tenha exprimido: um Vítor Hugo ou um Neruda, no caso de Craveirinha, um Pessoa ou um Antero, no caso de Reinaldo. Eu diria, no fim, que está Reinaldo mais próximo do seu máximo assim definido do que Craveirinha do seu. E por esse processo – que afinal me faz sorrir – eu concluo o que de há muito tinha intuído: o grau de adequação e intensidade artística na poesia de Reinaldo Ferreira é ímpar em Moçambique. (Lisboa, 1973/1975, p. 237)

Escorado em dicotomia fisgada a Octavio Paz, a poesia vista como “voz do povo” ou como “língua dos eleitos”, Lisboa não vacilará em afirmar que

as poesias de Rui Knopfli ou de uma Glória de Sant’Anna parecem ter atingido um grau de maturação e decantação que um José Craveirinha está ainda tantas vezes afastado de lograr (espreita-o o perigo, entre outros, de um sobrepeso barroco de gosto duvidoso). (Lisboa, 1973/1975, p. 248)

A avaliação de tal “sobrepeso barroco” poderia revelar, se quisesse, o poder de subversão de Craveirinha na reelaboração da linguagem, marca evidente da moçambicanidade poética. Lisboa lembra, às vezes, um profissional dos rótulos. Para ele, por exemplo:

Noémia de Sousa é um mito que não vale a pena manter de pé, por mais simpatia que possam merecer as boas intenções dos seus poemas tão prolixos como balbuciantes. (Lisboa, 1973/1975, p. 271)

Os mecanismos de análise de Manuel Ferreira estão bastante próximos aos do último Margarido.

Estando fora de causa a escolha dos poetas que nasceram em Moçambique e ali residiram, já no que refere aos restantes a tendência (e só a tendência) será para fixar não apenas os que, sendo moçambicanos por nascimento, ali se mantiveram por período de anos relevante ou que tendo abandonado recentemente o país possuem obra publicada em livro ou dispersa mas significativa. E, concomitantemente, excluir os portugueses que, tendo-se lá radicado, deixaram depois, e em definitivo, Moçambique, como é o caso de Glória de Sant’Anna, Artur Costa, Augusto dos Santos Abranches, Lourenço de Carvalho, Ilídio da Rocha, Cipriano Justo, Manuel Felipe de Moura Coutinho, pese embora haverem assinado textos “moçambicanos” e sinceramente reconhecendo que numa antologia de carácter diferente, não deverem os seus nomes ser excluídos. (Ferreira, 1985, p. 26-27)

A avaliação de Manuel Ferreira é, também, como se percebe, forjada à base da exclusão: enquanto exclui Glória de Sant’Anna, mantém Reinaldo Ferreira e Nuno Bermudes... De resto, os parâmetros fixados por Ferreira – “período de anos relevante” em Moçambique, ter obra publicada, ter saído em definitivo do país e, mesmo, ter nascido em Moçambique – parecem um pouco frágeis e carentes de rigor, diante da instabilidade por que passa qualquer país na situação moçambicana, ou, para colocar em termos adequados, na situação colonial.

Dotada de visão mais aberta, relativamente aos casos até aqui examinados, Fátima Mendonça¹ propõe elementos novos para a elucidação da problemática. Para Mendonça, Knopfli, por exemplo, não está excluído da literatura moçambicana, em-

¹ Mendonça, Fátima. “O Conceito de Nação em José Craveirinha, Rui Knopfli e Sérgio Vieira”. (Comunicação lida no Colóquio Sobre Literaturas Africanas de Língua Portuguesa – Paris). Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, s.d. (xerocópia)

bora seja visto em oposição a Craveirinha. Sem aqui entrar no mérito de tal oposição e, ainda, quanto a certos conceitos emitidos acerca de Knopfli – “assume a consciência do próprio opressor...” –, creio que a leitura de Fátima Mendonça propicia abertura para a percepção de ramais vários na poesia moçambicana, rompendo, para mim felizmente, com a quase compulsão dos critérios exclusivistas.

Para encerrar este levantamento, breve e limitado certamente, quero ficar com a palavra de José Craveirinha e sua claríssima percepção da pluralidade e de sua necessidade.

Ilha de Próspero enriquece a cultura como uma das suas mais significativas obras. A cultura moçambicana, é claro, uma coisa uma tanto ambígua ainda, mas já se indispondo com os silêncios opacos, preenchendo-os com a sonoridade das luzes alusivas. Depois do prelo Ilha de Próspero será de Rui Knopfli porque ele a concebeu, mas também de todos nós moçambicanos porque – e faço muita birra nisso – seus compatriotas, já que a longa e sinuosa estrada que vai da Polana à Mafalala exprime uma grandeza e não uma separação (Knopfli, 1972).

As polêmicas, por necessárias que sejam, não conseguem escamotear um dado óbvio: consomem sempre muita energia, podendo, também, gerar algumas rugas tintas de ira. Gastando tempo *debatendo sobre poesia*, deixa-se de *ler poesia*.

Há uma imensa dificuldade de, no Brasil, falar-se sobre poetas africanos. Mesmo que esse poeta seja José Craveirinha. Mesmo que esse poeta seja quem anteviu a pátria – miragem poética antes de ser realidade, dolorosamente existente. Leia-se, por exemplo, “Sia-Vuma” (Craveirinha, 1974, p. 138-141), poema que fecha o livro **Karingana Ua Karingana**.

*E seremos viajantes por conta própria
jornalistas, operários com filhas também dançarinas de ballet
arquitectos, poetas com poemas publicados
compositores e campeões olímpicos*
SIA-VUMA!

*E construiremos escolas
hospitais e maternidades ao preço
de serem de graça para todos
e estaleiros, fábricas, universidades
pontes, jardins, teatros e bibliotecas*
SIA-VUMA!

*E guiaremos as nossas charruas
editaremos os nossos livros
semearemos de arroz os nossos campos
sintonizaremos a voz dos nossos emissores
e bateremos também o “crawl” nas piscinas*
SIA-VUMA!

*E ergueremos estátuas aos nossos técnicos
estâncias para nossos velhos
estádios para os nossos jovens e represas alegóricas ao pai
à mãe e ao filho não invocados nas maldições
infinitas que devastam África*

SIA-VUMA!

A poesia de Craveirinha é dotada da qualidade essencial da subversão: subverte o léxico, subverte a sintaxe, subverte a dicção, o que pode, talvez, explicar a irritada restrição a que Eugénio Lisboa batiza de “sobrepeso barroco de gosto duvidoso”.

TCHAIAM ESTES VERSOS TCHAIAM

*Vamos no prelúdio das aleluias
presentir o mundo no tenso ritual
da falange concentricamente humedecida
nos mornos imos teus Maria docemente.*

*E violas às dedadas de amor
tchaiam na insubornável capulana da noite
e as polpas dos dedos em puros vice-versa
tchaiam as melodias bantos no centro
dos cajueiros florindo a montanha.*

.....
*e na coesa ideologia pornográfica
de um pão despido na luxúria dos dentes
os poetas tchaiam com gosto as queixas da terra
como quem tchaia ferro no ferro.*

*Mas é tudo ritmo dos dentes, Maria
que tchaiam nas panelas as insolentes
românticas duas colheradas e meia de farinha
(Craveirinha, 1974, p. 38)*

A poesia de Craveirinha sabe provocar encantamento. Certamente foi esta a sensação que tive diante de seu primeiro poema, ouvido à margem do Rio dos Bons Sinais, em Quelimane, na Zambézia. Impossível dizê-lo como o poeta Sebastião Alba, naquela ocasião supinamente embriagado.

MÃE

*Minha Mãe:
Trago a resina das velhas árvores
da floresta nas minhas veias.
E a sina de nascença
no meio das baladas à volta da fogueira
tu sabes como é sempre uma dor nova
sabes ou não sabes, minha Mãe?*

*sabes ou não sabes
o mistério de olhos inflamados de macho
que um dia encontraste no teu caminho
de tombasana de pés descalços?*

*Sabes ou não sabes, Mãe
a resina das velhas árvores plantadas pelos espíritos
as blasfêmias do mar salgando as raízes virgens
e as grandes luas de ansiedade esticando
as peles do tambores enraivecidos
e dando às folhas verdes das palmeiras
o brilho incandescente das catanas nuas?*

*E no sabor do encantamento, Mãe
dos nossos feitiços ancestrais
o exorcismo ingénuo das tuas missangas
o maravilhoso maheu das tuas canções
e o segredo do teu corpo possuído
mas de sangue inviolável
donde a minha sina nasceu.*

*No
espaço da tua sepultura de negra
sabes ou não sabes a verdade
agora sabes ou não sabes
minha Mãe?
(Craveirinha, 1974, p. 34-35)*

Rui Knopfli é um poeta moçambicano. É um poeta moçambicano, na mesma medida ou falta de, de Craveirinha, Sebastião Alba, Noémia de Souza, Rui Nogar, Orlando Mendes, Reinaldo Ferreira, Fernando Ganhão, Leite de Vasconcelos, Albino Magaia, Sérgio Vieira, Mia Couto, Jorge Viégas. Rui Knopfli é um poeta moçambicano cujo percurso é doloroso: vai de **O país dos outros** (1959) a **Ilha de Próspero** (1972), passando por **Mangas Verdes com Sal** (1969). Nestas três obras está o trajeto do poeta moçambicano. O poema que lhe tem servido como sentença condenatória é “Naturalidade”:

*Europeu, me dizem.
Eivam-me de literatura e doutrina
européias
e europeu me chamam
(Knopfli, In: Ferreira, 1985, p. 275)*

Há de se perguntar porque Orlando Mendes não padece de maldição semelhante à que persegue Knopfli

*(Diz a História que descendo
De Celtas Mouros e Vizigodos)²*

Como se vê a duplicidade não é apanágio de Knopfli.
Knopfli é também poeta moçambicano na contemplação amorosa da terra:

*Todo o mistério reside nos rios
da minha terra,
Toda a beleza secreta e virgem que resta
está nos rios da minha terra.*

.....

*Rios, seiva, sangue ebuliente
veias, artérias vivificadas
dessa virgem morena e impaciente,
minha terra, nossa mãe*

Knopfli é um poeta que conquista a moçambicanidade na superação das ambivalências – desde sempre o problema do intelectual na situação colonial. O ponto intermédio da superação de tais ambivalências está em **Mangas Verdes com Sal**, onde há a visitação das cores, sabores e cheiros da infância.

*Sabor longínquo, sabor acre
da infância a canivete repartida
no largo semicírculo da amizade.*

*Sabor lento, alegria reconstituída
no instante desprevenido, na maré-baixa,
no minuto da suprema humilhação.*

*Sabor insinuante que retorna devagar
ao palato amargo, à boca ardida,
à crista do tempo, ao meio da vida
(Knopfli, 1982, p. 275)*

² Mendes, Orlando in Ferreira, Manuel. ob. cit. p. 114- 115. Veja-se, também, a propósito o poema “História”, em que o ritual de passagem dá-se pela adesão ao chão, pela celebração do canto comum, na partilha do pão e do vinho e, de novo, pelo chão, lugar da sementeira, indício de raízes bíblicas – a semente é a palavra/trigo.

*Eu que vim do Mar europeu
E enraizei meu destino em chão firme
E tu poeta negro que nunca foste ao mar
E à Mãe-Terra pertences como eu
E à Mãe-Terra pediremos que nos tome
Inteiros para sermos da mesma raça
E lado a lado cantaremos a mesma alegria
E comeremos o pão que engana a mesma fome
E beberemos pela mesma taça
O vinho que embriaga e amarga
E semearmos a semente do mesmo fruto.
(in No Reino de Caliban III, p. 112)*

Por último, em **Ilha de Próspero**, vem a corte do amante, a cópula desavergonhada do olhar com a paisagem da Ilha, umbigo da terra.

*Ilha, velha ilha, metal remanchado,
minha paixão adolescente, que doloridas lembranças do tempo
em que, do alto do minarete,
Alah – o grande sacana! – sorria
aos tímidos versos bem comportados
que eu te fazia.*

*Eis-te, cartaz, convertida em puta histórica,
minha pachacha pseudo-oriental
a rescender a canela e açafraão
maquilhada de espesso m'siro
e a mimar, pró turismo labrego,
trejeitos torpes de cortesã decrépita
(Knopfli, 1972, p. 31-32).*

A poesia de João Pedro Grabato Dias talvez venha a revelar-se como pertença de país nenhum. De todo modo, foi em Moçambique que ela se ergueu como espécie de monumento irônico e debochado de um processo que já fora testemunhado por Camões, no princípio, e por Fernando Pessoa, na aceleração da curva descendente. Não tocarei aqui nos poemas que compõem **Eu o povo** (de Mutimáti Barnabé João, pseudônimo ou, talvez, heterônimo de António Augusto de Melo Lucena e Quadros). A poesia de Grabato funciona como captação da desordem colonial e como projeção na utopia.

*De altos senhores sou escravo, se eu soubera
filhos, que ser rebelde vos traria
um só almude de vinho libertado
uma tâmara só que fosse de
autentica alegria, agora mesmo
anoitecer adentro, iria ao campo
de bacelinho novo e a madrugada
chegaria mirando dois cordões
da nova vinha já enxertada em
libertada memória no futuro.*

*.....Se comecei meu canto
por razão de senhor, isso redimo
fazendo um canto duplo: um que agrade
ao meu senhor e o lisonjeie na
carícia da lenda, e um outro canto
que seja a sarrazina clandestina
da verdade, a praga contagiante
das palavras mais puras e sonoras
a balisar a barra dos futuros.*

*De altos senhores sou escravo. Eu, não vós.
Exijo para mim toda a vileza
deste espúrio comércio intencional
com os deuses. Mas mais repezo ainda
estaria hoje, olhando-vos crescer
na ignomínia dum ter pai que não soube
dar-vos da escravidão a áspera idéia.
Esta a vossa legítima. Glória minha.
Filho rebelde ao pai, se-lo-á aos deuses
e, do humano, é penhor futuro.
(Dias, 1971, estrofes II, CI e CCC)*

Grabato Dias encarna a rebeldia, adotando processos poéticos cujo cerne é basicamente subversivo: a tradição funciona como plataforma para a acrobacia desmitificadora. É o que se pode ler n'**A Pressaga – ode didática**. (Dias, 1974, p. 118)

*A vida vai-se, e vocemecê meu tio irá possivelmente antes de mim
para um lugar no panteon que não é o coração de ninguém
para uma dúzia de linhas nos livros da história pátria
que não é de modo algum a história do ascender do humano
para a terra dos mortos e, é bem feito, tio.
Se fizesse a loucura de ter juízo ficava cá com a malta
a gentalha com juízo lançando o papagaio dos mitos
até o dia em que uma bonita loucura nos dê razão
à boa fé de acreditar na boa-fé como arma derradeira
e os passaportes sejam peças de museu inexplicáveis*

Os três poetas aqui apenas tangenciados, mais a multidão de outros não tocados, autorizam-me a pensar que a poesia moçambicana é dotada de um poderoso lastro, funcionando como elemento de descolonização radical e irreversível, o que, entretanto, é seara projetada no futuro.

ABSTRACT

This work is an attempt to detect the main qualities of the Mozambican poetry, taking, as a starting point, the critical approaches about it. It becomes perceptible that the study of the literature of the countries in process of decolonisation has been wrinkled by certain virulence, which results from politic-ideological passions. It is not the point here the validity or not of such "passions", but the apprehension of the criteria which, according to critics, define the face of the written poetry in Mozambique. Therefore, some critical contributions are focused, followed by the analysis of a sampling of the Mozambican poetical production.

Referências bibliográficas

01. BERMUDES, Nuno et al. Um olhar a Moçambique. In: SABINO, Joaquim et al. **Moçambique 64**; documentário da vida em Moçambique. Beira: Notícias da Beira, 1964.
02. CABRAL, Amílcar. A cultura nacional. In: CABRAL, Amílcar. **A arma da teoria**; unidade e luta. Lisboa: Seara Nova, 1978.
03. CRAVEIRINHA, José. **Karingana ua Karingana**. Lourenço Marques: Académica, 1974.
04. DIAS, João Pedro Grabato. **A arca**; ode didática na primeira pessoa. Lourenço Marques: Edição do Autor, 1971. Estrofes II, CI e CCC.
05. FERREIRA, Manuel. **O reino de Caliban**; antologia panorâmica de poesia africana de expressão portuguesa. Lisboa: Plátano, 1985.
06. KNOPFLI, Rui. **A ilha de Próspero**. Lourenço Marques: Minerva Central, 1972.
07. KNOPFLI, Rui. Mangas verdes com sal. In: KNOPFLI, Rui. **Memória consentida**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1982.
08. LISBOA, Eugénio. **Crónica dos anos da peste**. Lourenço Marques: Livraria Académica, 1973/1975. v.1/2.
09. MARGARIDO, Alfredo. Entrevista a Calane da Silva e Nuno Cláudio dos Santos. **Tempo**, n. 806/808, mar./abr. 1986.
10. MARGARIDO, Alfredo. A poesia moçambicana e os críticos de óculos. In: MARGARIDO, Alfredo. **Estudos sobre as literaturas das nações africanas de língua portuguesa**. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980.
11. SABINO, Joaquim et al. **Moçambique 64**; documentário da vida em Moçambique. Beira: Notícias da Beira, 1964.